



Volume 7, número 2, mai./jul., 2018

ISSN: 2317-0352

RESENHA

A utilidade da categoria “gênero” em análises históricas

Inaê label Barbosa

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Email: inaeib@outlook.com

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. *Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, 278pp., ISBN: 978-85-7108-404-9.

A obra “Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro” (2015) é de autoria da socióloga brasileira Adelia Miglievich-Ribeiro, atualmente Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O livro apresenta os resultados de sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ), defendida em 2011. Sua orientadora foi a professora doutora Gláucia Villas Bôas, que escreveu o prefácio da obra intitulado “Duas mulheres na história das ciências sociais”. Para realizar sua pesquisa, Miglievich-Ribeiro reuniu entrevistas, imagens e uma extensa documentação coletada em doze arquivos diferentes¹.

Adelia Miglievich-Ribeiro, no capítulo introdutório de sua obra, apresenta a ideia de “círculos sociais” de Simmel, a qual é central em seu estudo. Nessa perspectiva, com a modernização, os círculos sociais se multiplicaram nas sociedades ocidentais e, em função disso, um processo crescente de individualização teve início. Desta forma, em sociedades modernas, os indivíduos se constituem enquanto tais por meio de sua inserção em diferentes círculos sociais. Ou seja, a noção de “indivíduo”, nas sociedades modernas, está diretamente relacionada a quantos e a quais círculos sociais o indivíduo pertence. Assim, não há um círculo social específico que, “tomado isoladamente,

¹ Entre eles: Arquivo Heloísa Alberto Torres, Arquivo Histórico do Museu Nacional, Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Arquivo do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes) e Arquivo do IFSC/UFRJ (VILLAS BÔAS, 2005, p. 16).

explica a totalidade dos gostos, preferências, valores, hábitos, perspectivas e projetos de seus membros” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 21). Isso porque os indivíduos não se encontram “inteiros” em nenhum círculo social: se constituem nas suas múltiplas experiências em diversos círculos sociais.

Partindo dessa perspectiva simmeliana, Miglievich-Ribeiro escolhe o contexto da cidade do Rio de Janeiro durante o século XX para oferecer uma outra interpretação da história das ciências sociais no Brasil. Como ponto de partida de sua investigação, a autora adota as trajetórias de duas pioneiras no campo de conhecimento das ciências sociais no Brasil: Heloísa Alberto Torres (1895 - 1977) e Marina de Vasconcellos (1912 - 1973). As biografias dessas duas mulheres são interessantes ao estudo pois, ao tempo em que se inseriram no campo intelectual (notadamente masculino), colaboraram para a rotinização de um novo campo de conhecimento em que consistia as ciências sociais na época, bem como para a ampliação do círculo social responsável pela formação dessas ciências no Rio de Janeiro. Baseando-se em Gilberto Velho, a autora afirma que o interessante de se trabalhar com trajetórias é que, quando contextualizadas, biografias permitem que experiências individuais remetam a experiências coletivas.

Outra questão importante que Miglievich-Ribeiro aborda, ainda na introdução, é o que diz respeito a estudos que tratam da participação de mulheres no campo intelectual, como o seu. A autora aponta que esses estudos são raríssimos e que a maioria das teses das décadas de 1980 e 1990 que se dedicam a mulheres são análises de personagens fictícias na literatura, observações sobre desigualdades entre homens e mulheres no acesso à instrução formal ou considerações a respeito da atuação de mulheres na luta por direitos. Os raros estudos que se dedicam à presença de mulheres no campo intelectual encontram-se, predominantemente, no campo da arte e da literatura – o que pode indicar, ao ver de Miglievich-Ribeiro, maior facilidade da inserção feminina nesses campos em comparação ao campo científico e filosófico.

Levar em consideração a participação de mulheres na rotinização de um campo de conhecimento (como das ciências sociais, no caso de sua obra) é extremamente relevante para a autora. Como ela mesma diz, com isso exige-se “uma reavaliação da história mesma da ciência, que se impusera durante longo tempo como um campo exclusivamente masculino” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 25). Nesse sentido, a intenção da autora é exatamente reinterpretar a história das ciências sociais no Brasil, considerando a entrada de duas mulheres no círculo intelectual responsável pela rotinização do campo dessas ciências no Rio de Janeiro durante o século XX.

O conceito de “rotinização” é escolhido propositalmente por Miglievich-Ribeiro como crítica ao uso frequente da categoria “institucionalização” na análise da história das ciências sociais. Segundo a autora, sua intenção é afastar-se de uma observação segundo critérios ideais (como o grau de autonomia do campo de conhecimento em relação ao campo político e às relações pessoais dos atores). Seu interesse é, ao contrário, relacionar a constituição do campo das ciências sociais a

histórias concretas - de pessoas e grupos que estabeleceram alianças e entraram em confronto. Portanto, sua investigação discute biografias a fim de entender processos conflituosos de constituição de dado círculo intelectual e de um novo campo de conhecimento, uma vez que Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcellos foram protagonistas de um processo que está para além de suas histórias particulares.

Max Weber introduziu o conceito de “rotinização” para tratar de mudanças nas sociedades. Nessa perspectiva, uma ideia ou um projeto não garante o surgimento de uma nova instituição: somente na medida em que as ações passam a ser regulares é que se produz uma rotina, que dá origem a uma ordem social. Disso vem a ideia de “rotinização do carisma”, que explica porque se reconhece autoridade em certas formas de organização social e não em outras igualmente inovadoras. Para Weber, o carisma é exatamente o elemento instaurador e mantenedor do novo. Paradoxalmente, as noções de rotina e carisma correspondem, respectivamente, ao cotidiano-geral e ao extracotidiano-particular; o que às coloca em relação, então, é que “a rotina é a única forma encontrada para dar continuidade às mudanças inauguradas pelo carisma” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 27). Devido a isso, dá-se mais atenção aos agentes sociais e suas ações que aos projetos e às ideias.

O que Miglievich-Ribeiro argumenta, a partir do conceito weberiano, é que as ciências sociais dependem de ações de indivíduos e grupos de indivíduos que garantam a regularidade das atividades desse campo de conhecimento. Isso inclui: “a formação de seus quadros profissionais, a acumulação e transmissão do conhecimento existente, a defesa dos discursos que legitimam aquele campo perante os demais, a divulgação dos saberes produzidos e, finalmente, a criação de novos círculos sociais de interação [que] garantem a produção do saber” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 39).

Os três capítulos que seguem a introdução à obra tratam, respectivamente: da trajetória de Heloísa Alberto Torres, da ocasião em que as trajetórias de Heloísa e Marina se encontraram e da trajetória de Marina São Paulo de Vasconcellos. A seguir apresento um breve resumo das trajetórias de ambas para então detalhar um pouco sobre a ocasião do encontro.

Heloísa, ao longo de anos de trabalho no Museu Nacional (como professora, vice-diretora e diretora), contribuiu de forma importante na formação de jovens antropólogos (possibilitando diversas expedições a campo, por exemplo) e na ampliação de coleções etnográficas, no intuito de preservar a memória de populações e culturas (principalmente indígenas) ameaçadas de desaparecer. Além disso, e tão importante quanto, Heloísa estabeleceu consideráveis parcerias científicas internacionais, colocando em cooperação a antropologia nacional e a estrangeira.

Marina, por sua vez dedicou-se principalmente à universidade e, mais especificamente, à consolidação e ampliação da antropologia como campo de conhecimento no conjunto das ciências sociais. Assim, enquanto professora da cátedra de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil (UB/RJ) (sendo ela a primeira mulher a dar aula e ocupar

uma cátedra nessa faculdade), participou da formação de novos quadros de cientistas sociais e, enquanto diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), protagonizou a luta pela autonomia da universidade, pela manutenção de um espaço acadêmico de liberdade no contexto da ditadura militar.

Considero que o ápice do livro seja o capítulo referente ao encontro das trajetórias dessas duas mulheres pioneiras na formação das ciências sociais no RJ, pois a partir dele é possível conhecer um pouco do processo de mudança de paradigma de validação do conhecimento antropológico. Permito-me afirmar que Arthur Ramos foi quem intermediou o encontro de Heloísa e Marina, devido ao fato de que foi seu afastamento da cátedra efetiva de Antropologia e Etnografia da FNFi, em agosto de 1949, e sua morte, em outubro do mesmo ano, que possibilitaram esse encontro.

Segundo Miglievich-Ribeiro (2015, p. 123),

Naquela época, a cátedra universitária era o *locus* privilegiado para o desenvolvimento de um campo do saber; representava o mais alto cargo na carreira docente e, sobretudo, o grau de excelência intelectual inquestionável, que concedia àquele que a ocupava o poder de decidir sobre os rumos do saber sob sua jurisdição.

O concurso para cátedra era o único caminho institucional para à docência universitária naquele contexto e, tendo como referência o modelo catedrático francês - ou seja, um sistema de formação de quadros científicos-intelectuais de alto nível - se exigia dos candidatos às cátedras muitos anos de estudos após a conclusão do curso de nível superior.

Na ocasião do concurso de livre docente para posse da cátedra de Antropologia e Etnografia da FNFi, tanto Heloísa quanto Marina demonstraram interesse. Todavia, fazendo parte de gerações distintas, as duas intelectuais diferenciavam-se notadamente em relação ao perfil de antropóloga que possuíam.

Heloísa era autodidata, tinha interesse pela antropologia física e sua formação era museológica; já Marina era acadêmica, interessava-se pela antropologia cultural e sua formação era científica. Ou seja, enquanto Heloísa influenciou e representou um primeiro momento da antropologia no Brasil, Arthur Ramos e, por consequência, Marina influenciaram e representaram um momento posterior. Para Miglievich-Ribeiro, é interessante observar como essas diferenças entre Heloísa e Marina foram determinantes no andamento do concurso de livre docente para a cátedra de Antropologia e Etnografia, pois expressavam uma disputa existente naquele momento pela definição do fazer antropológico no Brasil.

Assim sendo, enquanto Marina tornou-se catedrática, Heloísa sequer pode participar do concurso (mesmo tendo presidido a banca que nomeou Arthur Ramos catedrático em 1946, entrando com recursos junto ao Conselho Universitário da Universidade do Brasil e mobilizando contatos de seus círculos sociais). Isso ocorreu porque, antes de mais nada, o paradigma de validação do conhecimento antropológico havia se alterado entre as gerações de Heloísa Alberto Torres, Arthur

Ramos e Marina de Vasconcellos, além do fato de que as duas antropólogas pertenciam a círculos sociais marcadamente distintos (e, portanto, gozavam de prestígio perante grupos diferentes).

No capítulo de considerações finais, finalizando a obra, Adelia Miglievich-Ribeiro ressaltam os três objetivos principais de sua pesquisa. Um desses objetivos era, partindo da sociologia de Georg Simmel, recusar a persistente distinção e hierarquização entre dimensões micro e macro da vida social. Nessa perspectiva, da mesma forma que os indivíduos se constituem enquanto tais por meio de sua inserção em diferentes círculos sociais, a sociedade se caracteriza justamente pelas diferentes formas de socialização entre os indivíduos que a compõem; sendo indispensável para as ciências sociais observar a vida social como um todo.

Desta forma, mostrando como as redes de interações de Heloísa e Marina constituíram o tecido das ciências sociais no RJ e como suas trajetórias se desenrolaram nesse tecido, a autora firmou o princípio simmeliano de não reconhecer a dicotomia entre indivíduo e sociedade. Zelosa no uso da abordagem de Simmel, a autora observou simultaneamente “o indivíduo na sociedade e a sociedade no indivíduo” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 236).

Para isso, Miglievich-Ribeiro empenhou-se em reconhecer as trajetórias de Heloísa e Marina como socialmente imbricadas ao longo da obra, escapando de uma possível “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996 apud MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 236) e reforçando a ideia de que

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, [...] o que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 1996, p. 190, grifo do autor).

É desse modo que a autora fez com que a análise das histórias individuais de Heloísa e Marina ganhasse sentido na história geral da formação das ciências sociais no Rio de Janeiro: colocando em relação suas trajetórias, os círculos sociais aos quais pertenciam e os efeitos de suas interações na rotinização do campo das ciências sociais.

Outro objetivo da pesquisa desenvolvida por Miglievich-Ribeiro era contestar os marcos consagrados da história da institucionalização das ciências sociais. Assim, desafia a ideia de que houve uma ruptura na história das ciências sociais brasileiras, a partir da qual seria possível identificar um momento “pré-científico” e outro “verdadeiramente científico” desse campo de conhecimento. Partindo da trajetória de Heloísa (que era autodidata, de formação museológica e que atuava junto ao Museu Nacional) e ligando-a à trajetória de Marina (que era acadêmica, de formação científica, que atuou na FNF e posteriormente na UFRJ), a autora demonstrou como a formação das ciências sociais no RJ diz de um processo em que as experiências de continuidade se destacam frente às descontinuidades. Ou, em outras palavras, o quanto a rotinização das ciências sociais é um processo mais de acúmulo de paradigmas do que de superação.

Exemplo disso é o fato de que tanto Heloísa quanto Marina foram receptoras da tradição de outros pesquisadores (de Roquette-Pinto e Arthur Ramos, respectivamente), da mesma forma que, posteriormente, tornaram-se agentes importantes na transmissão e ampliação do legado herdado. Formadas pela geração anterior de cientistas sociais, formando novas gerações de cientistas sociais, garantindo ambientes adequados ao aprendizado e mantendo certos padrões de desempenho, ambas colaboraram para o desenvolvimento de uma rotina específica do campo das ciências sociais.

A respeito desse segundo objetivo há ainda outra questão que merece ser tratada. Além da recorrente separação entre momentos de “pré-ciência” e “ciência” (enfatizando-se a descontinuidade da história), há outra prática que se repete nas tentativas de contar a história das ciências sociais que a autora desafia: o uso de uma noção simplista de sucesso acadêmico para selecionar as figuras-chaves do processo de formação do campo de conhecimento.

Heloísa e Marina poderiam ser reduzidas a intelectuais “malsucedidas” caso fosse adotada essa noção simplista já que, por exemplo, não lançaram obras renomadas, não previram uma nova ordem para as ciências sociais e não foram fundadoras de instituições prestigiosas. Assim, minando essa noção simplista de sucesso acadêmico, Miglievich-Ribeiro destaca como essas duas mulheres foram prósperas em suas participações no campo científico, enquanto diretoras de importantes instituições de produção de conhecimento e formadoras de novas gerações de cientistas sociais.

Por fim, um último objetivo da pesquisa era “romper com a ideia de que as ciências sociais foram um constructo exclusivamente dos homens” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 241). Com esse objetivo, ao meu ver, Miglievich-Ribeiro pareceu pôr em prática a proposta que Joan Scott faz em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995), mesmo não sendo seu enfoque principal questões de gênero e não citando Scott ao longo da obra.

Nesse artigo, em resumo, Scott (1995) demonstra como as possibilidades de interpretação do social se ampliam quando a categoria “gênero” é utilizada em análises históricas. Pois sendo o gênero constituído histórica e socialmente, ao observar seus múltiplos arranjos em diferentes sociedades e períodos, torna-se possível reescrever a história – fazendo aparecer sujeitos, relações e acontecimentos antes desconhecidos ou ignorados. A questão central é que lançar mão do gênero² “implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, [...] uma nova história” (SCOTT, 1995, p. 73).

Assim, concebo que Miglievich-Ribeiro realizou o exercício historiográfico proposto por Scott na medida em que contextualizou em sua obra os papéis de gênero vigentes nas épocas em que viveram Heloísa e Marina e, ainda, demonstrou como ambas escaparam, de alguma forma, do padrão

²Como também de outras categorias como: classe, raça, etnia e geração.

de mulher da época, colaborando, então, para formação das ciências sociais no RJ.³ Além disso, ao fazer o convite para que outras(os) pesquisadoras(es) façam também esse exercício de reconhecer a participação de mulheres na história das ciências, Miglievich-Ribeiro reforça a ideia de que o desafio é ainda mais complexo do que simplesmente incluir mulheres no interior de uma grande narrativa pronta. Para a autora, como para Scott, é preciso repensar a história metodológica e epistemologicamente, escrever uma outra história, de uma outra maneira. Não atoa a proposta de Miglievich-Ribeiro, tenha sido reinterpretar a história das ciências sociais no Rio de Janeiro, reavaliar as narrativas que pretendem encerrar a escrita da história desse campo de conhecimento. Desse modo, Miglievich-Ribeiro demonstra com sua pesquisa que, apesar do mundo das ciências (incluindo as ciências sociais nele) ser historicamente marcado pelo predomínio masculino, não significa, entretanto, que mulheres não tenham sido também artífices de diferentes campos de conhecimento.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VILLAS BÔAS, Gláucia. Prefácio: duas mulheres na história das ciências sociais. In: MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

Recebido em: 22 de março de 2018

Aceito em: 19 de setembro de 2018

³ Diferentemente da maioria das mulheres de sua época, Heloísa e Marina “assumiram integralmente a vida intelectual e construíram uma carreira, atingindo seu topo, quer no Museu Nacional, quer no IFCS” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 243), coincidentemente – e mais uma vez escapando do padrão de mulher da época – nenhuma das duas teve filhos (as), Heloísa nunca se casou e “Marina, casada duas vezes, enviuvou na primeira vez e separou-se na segunda” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 243).